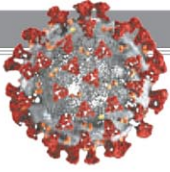


# CORONAVÍRUS: RISCO TAMBÉM AO CÉREBRO

Reflexos da doença no sistema nervoso surpreendem os médicos e são alvo de estudos

Os sintomas clássicos da COVID-19 foram amplamente divulgados e estão, em sua maioria, associados ao sistema respiratório. Febre, tosse e falta de ar desenham o quadro que define a maioria dos encaminhamentos para diagnóstico. Desdobramentos neurológicos da doença, no entanto, podem trazer complicações letais, como a que matou o apresentador Rodrigo Rodrigues e causou comoção entre torcedores e a imprensa esportiva na última terça-feira. Após dias com sintomas respiratórios leves, ele chegou ao hospital com um quadro grave provocado por trombose venosa cerebral associada à infecção.

A formação de coágulos sanguíneos estaria no centro das causas do aumento das notificações de acidentes vasculares cerebrais (AVCs) entre os infectados. Para o neurocirurgião Leonardo Augusto Wendling Henriques, três mecanismos possibilitam essa situação: a lesão do endotélio (o vírus ataca o revestimento dos vasos sanguíneos), a alteração das proteínas no sangue (o que estimula a trombose) e a redução da velocidade da corrente, o que favorece a formação de coágulos. "Não sabe ainda em quais desses fatores a doença interfere mais. Mas, possivelmente, os três estão associados", explica. [PÁGINA 8](#)



Morte de apresentador de TV aos 45 anos chama a atenção para um aspecto da doença que intriga médicos: os danos neurológicos, inclusive em pacientes jovens

# Coronavírus: um desafio também dentro do cérebro

GABRIEL RONAN

GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A. PRESS

A morte precoce do apresentador Rodrigo Rodrigues, dos canais Sportv, da TV Globo, vítima da COVID-19 aos 45 anos, provocou comoção especialmente entre a imprensa esportiva e torcedores, mas chamou a atenção também para uma consequência da doença ainda pouco estudada e cercada de dúvidas: os reflexos do novo coronavírus sobre o sistema nervoso. Enquanto especialistas no assunto notificam aumento de acidentes vasculares cerebrais (AVCs) entre os infectados, as causas desses derrames ainda é debatida, sobretudo a partir de três hipóteses, todas ligadas à principal causa dessa emergência médica: a formação de coágulos sanguíneos, que entopem veias ou artérias do corpo, prejudicando a circulação de sangue no cérebro. Em entrevista ao Estado de Minas, o neurocirurgião Leonardo Augusto Wendling Henriques, vinculado ao Instituto Mário Penna e do corpo médico do Hospital Luxemburgo, em Belo Horizonte, explica que toda a discussão sobre como o coronavírus afeta o sistema nervoso passa um grupo de situações. “Três mecanismos possibilitam que o AVC ocorra em quem está infectado pelo novo coronavírus: a lesão do endotélio (revestimento dos vasos sanguíneos) pela infecção do vírus; o aumento de fatores sanguíneos (proteínas que podem ser alteradas pela virose) que estimulam a trombose; e estase venosa, que é a diminuição da velocidade do fluxo de sangue, o que aumenta a tendência de coagulação”, afirma o especialista. Ainda de acordo com o neuro-



**Médicos como o neurocirurgião Leonardo Wendling Henriques recomendam atenção com sintomas como sonolência, dor de cabeça intensa, convulsão e confusão mental**

cirurgião, é preciso cautela ao analisar esses três fatores, já que pesquisas sobre os danos provocados pela COVID-19 no sistema nervoso estão em fase inicial. “Não sabe ainda em quais desses

fatores a doença interfere mais. Mas, possivelmente, os três estão associados”, pontua.

Em pesquisa realizada em abril e publicada no New England Journal of Medicine, o Departamento de Neurocirurgia do Hospital Mount Sinai, dos Estados Unidos, contabilizou cinco casos de AVC num período de duas semanas entre pacientes infectados pela COVID-19. Todos eles tinham em comum o fato de não serem idosos, parcela da população mais afetada pelos derrames.

O neurologista cooperado da Unimed-BH Paulo Pereira Christo já percebe um aumento na

ocorrência de AVCs entre os mais jovens durante a pandemia. “Uma coisa interessante é que pacientes que têm derrame normalmente são mais idosos, por fatores de risco. Agora, durante a pandemia, temos visto pacientes com AVC mais jovens, alguns em vigência da infecção pela COVID-19”, diz o especialista.

Dados da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais (SES/MG), contudo, apontam um cenário de queda no quadro geral de AVCs, no comparativo dos meses em que o estado enfrenta a pandemia e o mesmo período de 2019. Entre março e junho do ano passa-

do, a SES registrou 1.238 mortes causadas por derrames. Neste ano, nos mesmos meses, a pasta computou 1.116 óbitos por essa causa.

**ALERTAS** Amigos do jornalista Rodrigo Rodrigues, do grupo Globo, afirmaram após a morte dele que o apresentador não apresentava sintomas da COVID-19 quando sofreu as complicações causadas pela trombose cerebral. Para os especialistas ouvidos pelo EM, a maneira como ocorreu a morte dele não é comum, mas é preciso que a população infectada pelo novo coronavírus fique atenta aos sinais de derrame em

todo o período de manifestação dos sintomas de infecção pelo micro-organismo.

“O paciente precisa ficar atento a sintomas como sonolência, dor de cabeça muito forte, crises convulsivas e confusão mental”, enumera Paulo Pereira Christo, da Unimed-BH. O neurocirurgião Leonardo Augusto Wendling Henriques, do Instituto Mário Penna, inclui mais dois sinais: menor sensibilidade do paladar e do olfato, que podem prosseguir mesmo após os 14 dias de manifestação da virose.

“

Pessoas que têm derrame normalmente são mais idosas. Temos visto pacientes com AVC mais jovens, alguns em vigência da infecção pela COVID-19”

■ Paulo Pereira Christo,  
neurologista

# Pandemia reduz controle de glicose, aponta pesquisa

Assim que foi decretada a quarentena em São Paulo, o aposentado de 87 anos Antonio Fernandez foi passar o período de isolamento com a filha no interior de Minas Gerais. O isolamento está protegendo o ex-comerciante da pandemia do coronavírus, mas alterou sua diabetes tipo 2, revelou a filha dele. “Ele acabou comendo mais carboidratos, como o pão do churrasco. Saiu da rotina. É como se estivesse em férias, cada dia dá vontade de comer uma coisa. Acho que essa memória afetiva de estar juntos, faz com que a gente queira sempre comer uma coisa que faz lembrar o que a gente comia antes. Acho que isso deve ter atrapalhado”, diz a professora Angela Campos, filha de Antonio. O próprio aposentado admite que está comendo mais e sem regras. “Antes eu cozinhava. Essa quarentena atrapalhou meus hábitos alimentares”, diz o aposentado, que é espanhol e segue a dieta medi-

terrânea, rica em peixes e frutos do mar, frutas e legumes.

Assim como Antonio, milhares de brasileiros com diabetes tiveram suas dietas alteradas devido à quarentena. É o que revela uma pesquisa inédita feita com 1.701 brasileiros com diabetes e que mostrou como a pandemia por COVID-19 alterou seus cotidianos, controle da doença, padrão de alimentação, atividade física, acesso a medicamentos e serviços de saúde. Realizada entre 22 de abril e 4 de maio, em ambiente online, o estudo identificou que 59,5% dos entrevistados apresentaram redução nas atividades físicas; 59,4% observaram variação na glicemia e 38,4% adiaram ou cancelaram suas consultas médicas. A pesquisa foi coordenada pelo vice-presidente da International Diabetes Federation (IDF), Mark Ugliara Barone, também membro do Departamento de Educação da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD).





“O distanciamento social ou físico era esperado para que essas pessoas estivessem protegidas. Ao mesmo tempo, não se sabia quais impactos isso teria sobre a rotina e os comportamentos dessas pessoas, o que acabou levando à piora da glicemia de boa parte dessa população. Como se sa-

be, o aumento dos níveis ou da variabilidade da glicemia levam esses indivíduos a um grupo de risco ainda muito mais elevado para gravidade da COVID-19, se infectados”, disse o pesquisador.

Para Barone, entre os comportamentos de destaque que possivelmente contribuíram pa-

ra esse impacto sobre a glicemia, destacam-se a redução de atividades físicas e o cancelamento ou adiamento de consultas e exames. “Neste momento, essas pessoas deveriam ser orientadas e ter suas terapias ajustadas à nova rotina por profissionais de saúde”, disse.

**Medidor de glicemia: 59,4% dos diabéticos consultados constataram variações dos índices no período do isolamento**

## Minas registra mais 92 mortes; o Brasil, 1.088

Minas Gerais acumulou 129.985 casos confirmados da COVID-19. De acordo com boletim da Secretaria de Estado de Saúde, 2.879 casos foram acrescentados entre sexta-feira e ontem. O número de mortes saltou de 2.769 para 2.861, ou seja, 92 novos registros, contra 77 registrados no documento de sexta. Outros 121 óbitos seguem em investigação. De acordo com a pasta, 14.250 pacientes precisaram de internação hospitalar na rede pública e priva-

da desde a chegada da pandemia ao estado e a letalidade da doença é de 2,1%. São 99.598 pessoas já recuperadas, enquanto 27.526 continuam em acompanhamento.

O Brasil, por sua vez, registrou 1.088 novas mortes em decorrência da doença provocada pelo novo coronavírus em 24 horas, elevando o total de óbitos pela COVID-19 a 93.563, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde. Ainda de acordo com os números, de sexta para ontem, fo-

ram registrados 45.392 novos casos da doença, o que aumentou para 2.707.877 o total de pessoas infectadas no país pelo novo coronavírus. Desses, 1.865.729 (68,9%) correspondem a pacientes recuperados e 748.585 (27,6%) aos que ainda em acompanhamento, segundo o Ministério da Saúde.

Os registros nos boletins da SES e do Ministério da Saúde não significam que todas as mortes registradas tenham ocorrido nas últimas 24 horas. No caso do Bra-

sil, ainda há cerca de 3.458 mortes em investigação.

São Paulo é o estado com maior número de casos do novo coronavírus, 552.318, e de mortes, num total de 23.236. O Ceará segue em segundo lugar em número de casos, com 175.928, e 7.698 óbitos. A Bahia aparece em terceiro lugar, com 168.926 casos e 3.517 mortes. O Rio de Janeiro está na quarta posição, com 167.213 confirmações do novo coronavírus, mas com 13.556 óbitos.

### BALANÇO DA DOENÇA

#### EM MG

Casos confirmados	129.985
Pacientes recuperados	99.598
Pacientes em acompanhamento	27.526
Óbitos confirmados	2.861

#### NO BRASIL

Casos confirmados	2.707.877
Pacientes recuperados	1.865.729
Pacientes em acompanhamento	748.585
Óbitos confirmados	93.563

Fontes: SES- MG e Ministério da Saúde